

Do gesto à música: um diálogo artístico com a Maestra Ligia Amadio

From Gesture to Music: An Artistic Dialogue with Maestra Ligia Amadio



Erickinson Lima

Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal

erickinson.bezerra@ua.pt



André Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

almo962@yahoo.com.br

Resumo: A entrevista com a maestra Ligia Amadio proporciona uma visão aprofundada sobre a regência orquestral, abordando não apenas os aspectos técnico-gestuais, mas também as dimensões pedagógicas, interpretativas, administrativas e sociais que envolvem a atuação do maestro. Com uma carreira internacional consolidada, Maestra Amadio compartilha reflexões sobre sua trajetória, os desafios enfrentados e a importância do estudo contínuo para a excelência na profissão. Destaca, ainda, a necessidade de uma formação interdisciplinar que englobe conhecimentos históricos, estilísticos e culturais, além do desenvolvimento de habilidades de liderança e comunicação. Ao longo da entrevista, a maestra enfatiza a relevância do ensaio como um espaço de construção coletiva, no qual o regente deve articular sua visão musical com a experiência dos músicos, promovendo um ambiente de diálogo e cooperação. Discute questões relacionadas à inclusão e representatividade na música, ressaltando o impacto de iniciativas como o movimento Mulheres Regentes, do qual é uma das principais lideranças. Sua perspectiva evidencia que a regência vai além da técnica gestual, exigindo uma abordagem ampla que

integra o conhecimento musical profundo com a sensibilidade interpessoal e a gestão eficiente dos ensaios e performances. Assim, sua experiência e reflexões oferecem contribuições significativas para o campo acadêmico, proporcionando uma compreensão mais abrangente sobre os desafios e exigências da profissão, bem como sobre a necessidade de um pensamento crítico e inovador na formação de novos regentes.

Palavras-chave: Ligia Amadio. Ensino aprendizagem da regência. Pedagogos da regência.

Abstract: The interview with Maestra Ligia Amadio provides an in-depth perspective on orchestral conducting, addressing not only the technical-gestural aspects but also the pedagogical, interpretative, administrative, and social dimensions that shape a conductor's role. With a well-established international career, Maestra Amadio shares reflections on her journey, her challenges, and the importance of continuous study in achieving excellence in the profession. She highlights the necessity of an interdisciplinary education, encompassing historical, stylistic, and cultural knowledge alongside the development of leadership and communication skills. Throughout the interview, she emphasizes the rehearsal as a space for collective construction, where the conductor must align their musical vision with the experience of the musicians, fostering an environment of dialogue and collaboration. Maestra Amadio also discusses issues related to inclusion and representation in music, underscoring the impact of initiatives such as the Women Conductors Movement, where she plays a key leadership role. Her perspective reveals that conducting goes beyond mere gestural technique; it requires a comprehensive approach integrating profound musical knowledge with interpersonal sensitivity and efficient rehearsal and performance management. Her experience and reflections offer significant contributions to the academic field, providing a broader understanding of the challenges and

demands of the profession. Moreover, they highlight the need for critical and innovative thinking in the education and formation of future conductors.

Keywords: Ligia Amadio. Conducting teaching and learning. Conductors pedagogues.

Submetido em: 6 de abril de 2025

Aceito em: 19 de maio de 2025

Publicado em: julho de 2025

1. Introdução

A regência orquestral constitui-se como uma das áreas mais complexas dentro do universo musical, exigindo do maestro ou maestra¹ um vasto conjunto de competências técnicas, artísticas, culturais e interpessoais (Farberman, 1997). Muito além da habilidade gestual e do domínio da partitura, a regência envolve profunda compreensão histórica, estilística e estética das obras musicais, aliada à capacidade de liderança, comunicação e sensibilidade psicológica frente ao coletivo instrumental. Desse modo, o estudo e a preparação contínua são fundamentais para quem almeja destacar-se profissionalmente nesta atividade, garantindo que sua atuação seja sólida, consciente e artisticamente significativa (Scherchen, 1989; Rudolf, 1994).

Entrevistar uma profissional com a experiência e trajetória internacional da maestra Ligia Amadio oferece uma oportunidade singular para compreender as nuances envolvidas na formação e atuação dos regentes contemporâneos. Além de trazer à luz questões técnicas, performáticas e educacionais, essa conversa permite refletir sobre aspectos fundamentais relacionados à preparação pessoal e acadêmica necessária para o exercício competente da profissão. Ao compartilhar sua visão sobre o ensino, as relações interpessoais no ensaio, os desafios enfrentados na carreira e questões atuais como diversidade e representatividade, Ligia Amadio contribui diretamente para a ampliação dos horizontes de jovens músicos e pesquisadores interessados no campo da regência orquestral.

A organização da entrevista explora aspectos essenciais de sua trajetória artística, profissional e pedagógica. Inicialmente, são abordadas questões relacionadas à performance musical e à

¹ O uso do termo maestra, em lugar de maestrina, está diretamente associado a uma mudança contemporânea no entendimento sobre gênero, linguagem e representatividade no campo musical. Historicamente, o termo “maestrina” era amplamente utilizado como forma feminina derivada de “maestro”, refletindo, entretanto, certa conotação diminutiva ou secundária em relação à figura masculina tradicionalmente dominante. O termo “maestra”, por outro lado, alinha-se às perspectivas linguísticas e culturais atuais, ao estabelecer uma simetria e equivalência mais clara com o termo masculino, contribuindo para a valorização da autoridade artística feminina de forma mais assertiva e igualitária. Essa escolha linguística tem, portanto, implicações simbólicas e práticas relevantes no contexto acadêmico e profissional da música. Ao optar por chamar as mulheres regentes de maestras, fortalece-se a igualdade de reconhecimento profissional, desvinculando-as das tradicionais conotações paternalistas ou diminutivas muitas vezes associadas ao termo “maestrina”. Desse modo, utilizar “maestra” reforça um posicionamento consciente e progressista, adequado ao contexto contemporâneo, no qual questões de gênero e representatividade são fundamentais. Assim, além da mera preferência linguística, empregar o termo maestra traduz um compromisso ético e social com a equidade e o reconhecimento pleno das mulheres no cenário da regência orquestral e musical.

prática interpretativa e performática, discutindo sua abordagem diante das partituras, sua dinâmica nos ensaios e sua interação com os músicos. Posteriormente, a entrevista aprofunda-se em reflexões sobre sua carreira e objetivos profissionais, abordando os desafios enfrentados, suas conquistas e os objetivos que ainda pretende realizar. Finalmente, são discutidos tópicos pedagógicos, especialmente os relacionados à formação de novos regentes e às competências necessárias para o desenvolvimento de uma carreira consistente.

A presente entrevista confirma a complexidade e profundidade envolvidas na atuação profissional e na formação acadêmica da regência orquestral contemporânea (Lima *et al.*, 2023). Ao compartilhar suas experiências técnicas, artísticas, pedagógicas e interpessoais, Ligia Amadio evidencia que o exercício competente dessa profissão exige uma preparação contínua, interdisciplinar e sensível às dinâmicas sociais, culturais e musicais do nosso tempo. Os temas abordados ao longo da entrevista não apenas ampliam o entendimento sobre as exigências dessa atividade, como também inspiram futuras pesquisas e práticas pedagógicas, reforçando a importância de uma formação abrangente, reflexiva e constantemente atualizada.

Maestra Ligia Amadio

é uma das mais destacadas regentes brasileiras da atualidade. Notabilizou-se internacionalmente por sua reconhecida exigência artística, seu carisma e suas vibrantes performances. Sua atuação estende-se por: Alemanha, Argentina, Áustria, Bolívia, Chile, Colômbia, Croácia, Cuba, Eslovênia, Estados Unidos, França, Islândia, Israel, Itália, Japão, Holanda, Hungria, Líbano, México, Peru, Portugal, República Tcheca, Rússia, Sérvia, Tailândia e Venezuela.

Premiada no célebre Concurso Internacional de Tóquio (1997) e no II Concurso Latino-Americano para Regentes de Orquestra em Santiago do Chile (1998), em 2001 recebeu o

prêmio “Melhor Regente do Ano” no Brasil, outorgado pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Ligia Amadio atuou como regente titular e diretora artística da Orquestra Sinfônica Nacional, entre 1996 e 2009. Por seu dedicado labor na direção da OSN, recebeu o título de “Cidadão Niteroiense”, em 2003, e a Comenda da Ordem do Mérito da Cidade de Niterói, no grau de Grande Oficial, em 2005. Entre 2000 e 2003, ocupou a função de regente titular da Orquestra Sinfônica da Universidade Nacional de Cuyo, em Mendoza, Argentina. Em 2003 recebeu os prêmios Lira à Excelência e Raízes, devido a seu trabalho à frente dessa orquestra. Em 2009, Ligia Amadio desempenhou-se como diretora artística e regente titular da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, sendo laureada com a Medalha Carlos Gomes, concedida pela Câmara Municipal daquela cidade. De 2009 a 2011 desempenhou-se como regente titular da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (OSUSP). Em 2011, Ligia Amadio foi indicada para o prêmio Carlos Gomes em duas categorias, por seu trabalho à frente da OSUSP, e, em 2012, foi finalmente premiada na categoria “Regente”, “pelo excelente trabalho com a Orquestra Sinfônica da USP”. Entre 2010 e 2014 ocupou a direção titular e artística da Orquestra Filarmônica de Mendoza. Para todos esses cargos, Ligia Amadio foi eleita pelos integrantes das respectivas orquestras. Em 2014 exerceu o cargo de regente titular da Orquestra Filarmônica de Bogotá, realizando uma temporada completa dedicada à Música do Século XX. Regeu um total de 42 concertos aclamados pelo público e pela crítica especializada, devotados à música contemporânea. Em 2016 foi eleita pelos músicos para o cargo de regente titular na Orquestra Sinfônica de Santa Fe, na Argentina, e na Orquestra Filarmônica de Montevideu, no Uruguai. A partir de 2017 assume o cargo de regente titular e diretora artística da Filarmônica de Montevideu. Sua discografia reúne 11 CDs e 5 DVDs: à frente da Sinfônica

Nacional, da Sinfônica da Rádio e Televisão Eslovenas e da Sinfônica de Mendoza, na Argentina. Entre eles, destaca-se a realização da coleção Música Brasileira no Tempo. Ligia Amadio iniciou sua formação musical aos cinco anos de idade sob a orientação da profa. Maria Cristina da Ponta Fiore. Realizou estudos regulares no Colégio Dante Alighieri e, após haver concluído o curso de Engenharia de Produção na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), em 1985, realizou o Bacharelado em Música – com habilitação em regência – e o Mestrado em Artes na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). No Brasil, seus principais mentores foram Henrique Gregori, Eleazar de Carvalho, H. J. Koellreutter e Almeida Prado. Sua formação também incluiu os mais importantes cursos internacionais de regência orquestral: Accademia Chigiana (Itália), International Bartók Seminar (Hungria), Wiener Meisterkurse für Musik (Áustria), International Opera Workshop (República Tcheca), Peter the Great International Workshop (Rússia), Curso Interamericano para Jovenes Directores de Orquesta (Venezuela), Curso Latino-Americano de Regência Orquestral (São Paulo) e Kirill Kondrashin Masterclass (Holanda), onde foi premiada, regendo no Concertgebouw de Amsterdam, a Netherlands Radio Television Symphony Orchestra. Nesses cursos, teve como professores: Ferdinand Leitner, Dominique Rouits, Julius Kalmar, Georg Tintner, Alexander Politshuk, Guillermo Scarabino, Kurt Masur e Sir Edward Downes. No Brasil tem sido convidada para atuar à frente das mais importantes orquestras, tais como: Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal de São Paulo, Orquestra Sinfônica Brasileira, Amazonas Filarmônica, Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, Orquestra Sinfônica do Estado do Paraná, Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, Orquestra Sinfônica do Espírito Santo, Orquestra Sinfônica do Teatro São Pedro, Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro, Orquestra

Sinfônica Petrobrás Pró-Música e Orquestra Sinfônica da Paraíba. Entre as inúmeras orquestras que dirigiu em outros países, deve-se mencionar: Arpeggione Städtisches Kammerorchester, Baden-Badener Philharmonie, Ensemble Contrechamps, Filarmónica de Bogotá, Filharmonia Czystochowa, Iceland Symphony Orchestra, Israel Chamber Orchestra, Jerusalém Symphony Orchestra, Lebanese Philharmonic Orchestra, Netherlands Radio Symphony Orchestra, Orkiestrę Symfoniczną Filharmonii Szczecińskiej, Orquesta del Teatro Argentino de la Plata, Orquesta Estable del Teatro Colón, Orquesta Filarmónica de Buenos Aires, Orquesta Sinfónica de Salta, Orquesta Sinfónica del Estado de México, Orquesta Sinfónica del SODRE, Orquesta Sinfónica Nacional de Bolivia, Orquesta Sinfónica Nacional de Chile, Orquesta Sinfónica Nacional de Peru, Orquesta Filarmônica Nacional da Moldávia, Savaria Symphony Orchestra, Silesian Opera Orchestra, Simfoniki RTV Slovenija, Thailand Philharmonic Orchestra, The Congress Symphony Orchestra, Tokyo City Philharmonic Orchestra. (Amadio, 2025).²

2. Um diálogo com Ligia Amadio

Erickinson Lima (**E. L.**), André Oliveira (**A. O.**): Quem é Ligia Amadio?

Ligia Amadio (**L. A.**): Sou uma pessoa trabalhadora, estudiosa, idealista e perseverante. Luto incansavelmente pelas orquestras e pelos grupos com os quais já trabalhei. Acredito na bondade humana e no potencial das pessoas.

Amo os músicos com quem trabalho, assim como as equipes que me acompanham. Esse amor é genuíno, e é esse tipo de relação que busco ao dirigir um grupo musical: uma conexão baseada no respeito, no carinho e no crescimento mútuo.

² Nota biográfica disponível em: <https://www.ligiaamadio.com/portugus>.

No entanto, sou muito mais do que minha relação com a música. Sou irmã, filha, mulher, esposa. Tenho um cachorro que amo, cultivo minhas plantas e sou apaixonada por fotografia, cinema, literatura e todas as formas de arte, incluindo balé. Também tenho grande interesse pelas ciências, especialmente pela física e pela matemática, que me fascinam.

Acredito que todo ser humano é extremamente complexo e impossível de ser definido em poucas palavras. Estas são apenas algumas pinceladas sobre quem sou.

E. L., A. O.: Como se iniciou o seu percurso na música e o que a levou a direcionar sua trajetória para a regência, até alcançar a regência orquestral?

L. A.: Meu percurso na música foi construído passo a passo. Acredito que minha relação com a música começou ainda na gestação, ouvindo minha mãe cantar. Ela sempre cantou e continua cantando até hoje, com uma voz maravilhosa. Além disso, fazia parte de um coro, e desde bebê eu a acompanhava.

Muito cedo, manifestei interesse pelo estudo da música. Pedi para aprender a tocar o instrumento que via com frequência: o órgão de tubos da igreja. Como alternativa, meus pais me colocaram no piano, e, assim, aos cinco anos, iniciei meus estudos com uma professora do bairro, a maravilhosa Maria Cristina da Ponta Fiori. Com ela, fui alfabetizada e, simultaneamente, aprendi a ler e escrever música. Estudei piano até os 17 anos, sem pretensão profissional, mas com dedicação. Durante esse período, também passei pelo Conservatório Dramático Musical de São Paulo.

Quando ingressei na faculdade de Engenharia, acabei, casualmente, no Coral da USP. Como já tocava piano razoavelmente bem e dominava o instrumento, comecei a auxiliar o maestro do coro, Roberto Casemiro, na preparação das vozes, organizando ensaios de naípe para sopranos e contraltos. Rapidamente, fui absorvida nesse universo e descobri minha aptidão para a preparação vocal e a organização de ensaios. Esse contato

despertou em mim um interesse mais profundo pela música como profissão.

Ao concluir minha graduação em Engenharia, no mesmo ano prestei vestibular e ingressei na Unicamp para estudar Regência. Lá, tive a grande sorte de ter como professor o maestro Henrique Gregori, uma oportunidade única, pois ele geralmente lecionava apenas nos últimos anos da faculdade. Por circunstâncias especiais, minha turma pôde estudar com ele durante todo o curso.

Desde o primeiro ano da faculdade, comecei a reger. Assumi a regência do Coro da Cidade de Campinas e, dentro da UNICAMP, criei uma orquestra de estudantes de cordas. No entanto, minha prática de regência já havia começado dois anos antes, como assistente dos coros no Coral da USP.

Nessa época, desde que decidi seguir carreira na música, passei a estudar com o professor Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005). Durante toda a faculdade, tive aulas quinzenais com ele, formando um grupo de estudos para dividir os custos, já que as aulas eram muito caras. Ele ministrava diversas disciplinas e tive a oportunidade de aprender com ele harmonia, contraponto bachiano, contraponto palestriniano, estética, análise de música moderna e antiga, além de um ano de regência.

Durante os seis anos de faculdade, participei de dois festivais de música no verão e um no inverno, tanto no Brasil quanto no exterior, sempre que possível. Após minha graduação, intensifiquei os estudos internacionais, financiando-os com meu trabalho no Conservatório Musical Villa-Lobos de Osasco. Entrei nesse conservatório a convite de um regente que assistiu a uma apresentação minha e gostou do que viu. Pouco tempo depois, ele recebeu uma bolsa para estudar em Paris e, assim, assumi sua posição como regente da orquestra do conservatório.

Posteriormente, fiz um concurso para reger a Orquestra Jovem de Jundiaí, onde passei em primeiro lugar e assumi a direção do grupo. Era uma orquestra clássica, com madeiras a

dois, dois trompetes, duas trompas, tímpano e cordas. Permaneci ali por três anos, sempre conciliando meus estudos e cursos de aperfeiçoamento.

Durante um desses cursos, a esposa do maestro Carlos Prates (1934-2013), Haydée Prates, assistiu a uma regência minha em Poços de Caldas e comentou que seu marido me convidaria para reger a Orquestra Sinfônica Nacional. Esse convite só se concretizou seis anos depois, quando, após a saída do maestro da orquestra, foi feita uma votação para escolher o regente titular. Entre os candidatos, estavam o maestro Roberto Duarte (1941) e eu. O reitor escolheu inicialmente Duarte, que permaneceu no cargo por um ano antes de se desligar. Assim, fui chamada novamente e, oito anos após aquele primeiro encontro com Haydée Prates, tornei-me a regente titular da Orquestra Sinfônica Nacional no Rio de Janeiro, onde permaneci por 12 anos.

Antes disso, fui assistente da maestra Helena Herrera (1949-2018) na Orquestra do Teatro Nacional Cláudio Santoro, em Brasília. Paralelamente, estudava com o maestro Eleazar de Carvalho (1912-1996), que tinha uma turma de apenas dez alunos. Para acompanhar suas aulas, eu viajava todos os finais de semana de Brasília a São Paulo. O maestro, por sua vez, viajava do Brasil para Yale, nos Estados Unidos, mesmo enfrentando problemas de saúde. Seu comprometimento e dedicação foram extraordinários e profundamente inspiradores.

Minha trajetória na regência é longa porque sempre estudei muito. Quando comecei a participar de concursos internacionais, já estava perto dos 30 anos, uma idade em que poucas oportunidades ainda estavam disponíveis. Ainda assim, fui premiada no Primeiro Concurso Latino-Americano de Jovens Regentes, em Santiago do Chile, e recebi uma menção honrosa no Concurso Internacional de Regência de Tóquio, um dos mais prestigiados da minha época.

Aprofundei meus estudos em importantes centros musicais internacionais. Fiz cursos na Rússia, em São Petersburgo, e na Hungria. Passei dois anos estudando ópera na então

Tchecoslováquia. Participei do curso de regência mais importante da época, na Holanda, onde os alunos selecionados tinham a oportunidade de reger a prestigiada Orquestra do Concertgebouw de Amsterdã. Apenas quatro candidatos eram escolhidos entre 180 músicos do mundo inteiro, e eu fui uma dessas selecionadas.

Na Venezuela, durante três anos consecutivos, participei do curso da Organização dos Estados Americanos (OEA), representando o Brasil.

Minha carreira profissional na regência de orquestras sinfônicas começou, de fato, em 1996, quando me tornei regente titular da Orquestra Sinfônica Nacional. Desde então, nunca parei. Fui a primeira e, por muito tempo, a única mulher a ocupar cargos de regente titular em diversas orquestras da América Latina.

No Uruguai e na Colômbia, fui pioneira. No Brasil, hoje existem mais mulheres regentes, o que me alegra imensamente. Na Argentina, atuei como regente titular por oito anos e, no Uruguai, por cinco. Ao longo dos anos, tive a honra de reger em diversos países ao redor do mundo. Essa é, em resumo, a trajetória da minha vida na música.

E. L., A. O.: Como a sua abordagem interpretativa varia entre repertórios sinfônicos de diferentes períodos históricos e estilos musicais?

L. A.: Qualquer texto musical precisa ser estudado profundamente, independentemente do estilo ou período ao qual pertença. Minha abordagem para qualquer obra segue esse princípio. É fundamental possuir um vasto conhecimento histórico e estilístico para interpretar adequadamente peças de diferentes épocas e estilos.

Meu trabalho tem como base o estudo minucioso da partitura, que considero o elemento central do processo interpretativo. Além disso, é essencial o domínio das disciplinas acessórias que complementam essa análise. Uma vez que o texto musical é compreendido, analisado, dissecado e assimilado, torna-se possível propor uma interpretação para um grupo musical.

Nesse ponto, entra outro aspecto fundamental da regência: a arte do ensaio. O ensaio é o momento em que buscamos materializar, na sonoridade do grupo, aquilo que concebemos em nossa imaginação. Para isso, interagimos com os músicos, ouvindo atentamente o que eles nos oferecem e propondo abordagens interpretativas.

Um dos grandes desafios do regente é envolver os músicos na sua visão interpretativa, contagiá-los com entusiasmo e torná-los participantes ativos desse processo. Afinal, sem essa comunhão de ideias e sensibilidades, não há boa música. Convencer nossos colegas músicos de que determinada abordagem resultará em algo belo e significativo é essencial para a construção de uma performance autêntica e inspiradora.

E. L., A. O.: No contexto do ensaio, como se dá a sua dinâmica de trabalho e a sua interação com a orquestra? Como você estabelece esse diálogo com um corpo tão vivo e expressivo como a orquestra?

L. A.: Em primeiro lugar, eu escuto a orquestra. Acho curioso quando maestros iniciam o ensaio sem antes ouvir o grupo. Realmente, não entendo essa abordagem. Sempre que vou reger, tento fazer a obra do começo ao fim, se for possível, já imprimindo meus tempos e intenções. No entanto, caso encontremos trechos muito difíceis, que só podem ser lidos lentamente, explico previamente qual será o andamento ideal e, em seguida, faço uma leitura mais pausada para que os músicos não fiquem excessivamente pressionados pelas dificuldades.

De modo geral, principalmente em orquestras experientes com um repertório amplo, realizo uma primeira leitura da obra respeitando o que ouço e, a partir disso, começo a trabalhar os aspectos que considero fundamentais. Nunca inicio o trabalho sem uma escuta prévia; não sou adivinha e não posso prever exatamente o que acontecerá. Primeiro, os músicos tocam, e só então estabelecemos um diálogo.

No ensaio, trabalhamos articulações, dinâmicas, equilíbrio entre as vozes, nuances de timbre e cor. Ajustamos rubatos, ritardandos, accelerandos, transições e todas as questões práticas necessárias para garantir a coesão da execução. Há sempre muito a ser refinado em um ensaio; o trabalho nunca termina completamente.

Minha abordagem na construção da obra segue uma lógica estrutural, como a construção de uma pirâmide: primeiro estabeleço a base sólida e, depois, adiciono os detalhes, de acordo com o tempo disponível. Durante minha formação, assisti a muitos ensaios — e ainda o faço sempre que possível. Quando há um colega na cidade ou um maestro que admiro, gosto de observar seu processo de ensaio.

Percebo, às vezes, maestros que se concentram excessivamente nos detalhes desde o início, deixando a estrutura da obra sem o embasamento necessário. Isso pode resultar em uma performance frágil no ensaio geral ou até mesmo na apresentação. Esse método não é o que sigo.

Prefiro estabelecer pilares sólidos, como dizia nosso querido e amado mestre Henrique Gregori: “Reger uma obra é como construir uma catedral. Não se começa pelos pináculos ou pelas pinturas; começa-se pelos alicerces no chão.”

E. L., A. O.: Você mencionou algo que me despertou bastante curiosidade: mesmo com toda a sua experiência, você comentou que ainda assiste aos ensaios de colegas. Como você vê essa prática atualmente, e qual é a importância de observar o trabalho de outros maestros ao longo da carreira?

L. A.: Em primeiro lugar, acredito que os estudantes têm certa dificuldade em perceber a importância de assistir aos ensaios, especialmente no campo da regência. Talvez pela idade ou imaturidade, os alunos frequentemente não compreendem o grande aprendizado que está em observar um ensaio. Infelizmente, penso que sempre foi assim e talvez continue sendo.

Por experiência própria, posso afirmar que assistir a ensaios é algo que pratico constantemente. Por exemplo, fui professora de Regência Orquestral no FEMUSC, realizado em Santa Catarina. Nas últimas duas semanas, assisti a todos os ensaios possíveis do maestro André dos Santos, profissional que considero maravilhoso, incluindo os ensaios da ópera *Madama Butterfly* (1904). Também acompanhei os ensaios da ópera *Don Juan*, dirigidos pelo maestro Alex Klein. Observar meus colegas é uma oportunidade valiosa, pois sempre aprendo algo novo com eles.

É importante salientar que, ao assistirmos aos ensaios, aprendemos tanto aspectos positivos quanto negativos da prática regencial – não necessariamente no caso desses nobres colegas citados acima, mas ao longo de nossa trajetória em geral. Ao refletir sobre essas observações, não fazemos julgamentos sobre nossos colegas, mas sim avaliações internas e pessoais, buscando sempre o aprimoramento. Podemos observar algo e pensar: Isso funciona muito bem, quero fazer desse jeito, ou perceber algo que não funciona tão bem e decidir que não o faremos dessa maneira. Essa reflexão crítica e consciente é fundamental.

Infelizmente, muitos alunos não compreendem a importância dessa prática e, posteriormente, acabam tendo dificuldades em sua atuação profissional. Não é possível estar diante de músicos altamente capacitados, sem saber o que pedir a eles ou como extrair o melhor do grupo. A observação ativa de ensaios é, sem dúvida, uma das aulas mais importantes que um jovem aspirante a regente pode ter, e deveria ser incorporada obrigatoriamente em seu percurso de formação musical.

E. L., A. O.: Quais foram os maiores desafios que você enfrentou ao longo de sua trajetória como maestra, especialmente em um campo historicamente dominado por homens?

L. A.: Em primeiro lugar, acredito que a abordagem de gênero ou raça não deveria interferir na apreciação profissional de qualquer maestro. Todo músico enfrenta grandes desafios até consolidar uma trajetória reconhecida e respeitada, independentemente de

raça, gênero ou religião. No entanto, é evidente que mulheres e, em especial, mulheres negras, além de homens negros, enfrentam dificuldades adicionais em sua trajetória profissional.

Falando especificamente da minha experiência pessoal, posso afirmar que, desde o início, procurei focar exclusivamente na música. Estudei profundamente, buscando sempre conhecimento sólido e consistente. Isso abriu portas para mim, pois, em geral, músicos respeitam profundamente um maestro ou maestra competente. Quando os músicos percebem que têm diante de si um profissional preparado e capacitado, questões de gênero, cor ou religião deixam de existir. A relação se constrói exclusivamente sobre o respeito e a admiração pelo trabalho.

Por outro lado, nas questões burocráticas e administrativas, a situação é diferente. Nesse âmbito, já enfrentei muitas dificuldades relacionadas a preconceitos e discriminação. Em diversos momentos da minha vida profissional, percebi que as pessoas responsáveis pelas decisões administrativas e burocráticas, que não têm conhecimento técnico musical, não demonstram o mesmo respeito ou consideração por mim. Em várias ocasiões, por exemplo, eu participava de reuniões administrativas, e as pessoas sequer se dirigiam a mim diretamente, preferindo tratar exclusivamente com outros homens presentes. Se não fossem situações tão desagradáveis, seriam até cômicas, mas refletem claramente a falta de educação, delicadeza e reconhecimento profissional.

Nos últimos anos, entretanto, passei a enxergar essa questão de forma mais ampla e comecei a atuar em prol da igualdade de oportunidades. Não posso deixar de falar do movimento que lidero chamado Mulheres Regentes. Em 2020, participei ativamente da organização do Simpósio Internacional Mulheres Regentes, que ocorreu online devido à pandemia, reunindo quase mil participantes de 37 países. Em eventos como esse, ouvimos depoimentos e relatos de inúmeras colegas regentes, compositoras, instrumentistas e solistas, compartilhando diferentes experiências e dificuldades.

Hoje percebo claramente que há discriminação, ainda que eu mesma tenha tido uma trajetória relativamente fluida nesse aspecto. Recentemente, um colega maestro me questionou por que agora estou envolvida com essa temática, considerando que nunca reivindiquei oportunidades baseando-me no fato de ser mulher. Minha resposta foi que, justamente por ter percebido a existência dessa desigualdade e por ter alcançado uma fase madura da minha carreira, sinto-me na obrigação de contribuir para a conscientização sobre a importância da inclusão das mulheres na música.

Por isso, atualmente estou envolvida nesse processo de conscientização junto aos meus colegas e diretores de teatros, enfatizando a necessidade urgente de ampliar a presença feminina na regência, na composição e como solistas em concertos. É uma missão importante, necessária e inadiável.

E. L., A. O.: Quais são os projetos artísticos que mais marcaram sua carreira e quais objetivos ainda pretende alcançar?

L. A.: Olha, eu sempre fui uma pessoa sem ambição, por incrível que possa parecer. Sempre me considerei uma pessoa que não faz muitos planos ou projeções para o futuro. Nunca busquei deliberadamente algo distante ou fiquei planejando etapas futuras da minha carreira. Pelo contrário, sempre procurei viver intensamente o presente. Se estou em determinada orquestra, dedico-me ao máximo a ela. Caso, por qualquer motivo, um dia não seja mais desejada minha presença ali, aceitarei com naturalidade e seguirei em frente.

Essa postura sempre norteou minha vida profissional, independentemente da instituição em que estivesse atuando, fosse na Orquestra Sinfônica Nacional, na Filarmônica de Bogotá, na Filarmônica de Montevidéu ou mesmo na Filarmônica da Tailândia, onde serei regente convidada em breve. Sempre vivi o presente de forma completa e comprometida, independentemente de ser um cargo fixo ou apenas uma participação como convidada.

Essa abordagem ficou especialmente clara recentemente, nas duas semanas que passei no FEMUSC, em Santa Catarina, onde tive uma agenda intensa: regi obras como *A Quinta Sinfonia* de Tchaikovsky (1840-1893), *Pulcinella* de Stravinsky (1882-1971) e, inesperadamente, também assumi a regência de *A história do Soldado*, também de Stravinsky, tarefa que não estava prevista inicialmente. Além disso, lecionei aulas de regência para diversos alunos e acompanhei ensaios das orquestras dirigidas por eles, com repertórios variados. Essa experiência apenas reforça o quanto eu me considero uma trabalhadora incansável.

Ao longo de toda a minha trajetória, essa atitude de estar presente em cada situação me trouxe resultados positivos. Nunca precisei buscar ativamente novas oportunidades, pois elas surgiram naturalmente, como se fossem algo divino. Uma pessoa assistia a um concerto que eu regia e, a partir daí, surgiam convites e novas oportunidades. Em seguida, por vezes, essa mesma orquestrava acabava me escolhendo como regente titular. Dessa forma, tive a oportunidade e a bênção de reger em muitos países diferentes.

E. L., A. O.: Na sua experiência como educadora/professora de regência, quais são os aspectos mais críticos na formação de um jovem regente?

L. A.: A formação de um regente é um processo muito complexo, amplo e profundo. Exige um estudo constante e rigoroso, abrangendo diversas áreas do conhecimento musical. Acredito que um regente precisa dominar disciplinas como rítmica, harmonia, contraponto, história da música, análise musical, estética, percepção auditiva e o domínio básico dos instrumentos da orquestra. Naturalmente, a própria técnica de regência também deve ser profundamente estudada, minuciosamente treinada e constantemente aperfeiçoada.

Sabemos que alguns grandes maestros da história não possuíam uma técnica gestual impecável. Por exemplo, existem casos como o do maestro Wilhelm Furtwängler (1886-1954), cuja técnica regencial não era considerada exemplar, mas cuja força interpretativa e

musical era tão extraordinária que compensava plenamente essa lacuna. Hoje, porém, com acesso a instituições acadêmicas qualificadas, professores renomados, materiais audiovisuais e inúmeros recursos pedagógicos disponíveis, considero que não há mais justificativa para um regente não dominar plenamente a técnica gestual. Na realidade atual, é irresponsável um regente precisar explicar verbalmente algo que poderia ser transmitido de maneira clara e direta por meio do gesto.

O regente deve possuir uma cultura ampla em diversos sentidos. Refiro-me à cultura geral, artística, histórica, vivencial e até psicológica. Viajar, conhecer o mundo, entender diferentes culturas e ter a habilidade de lidar com pessoas são competências essenciais para o exercício pleno da profissão. Muitas são as qualidades e características que um maestro precisa adquirir ao longo da vida para desempenhar adequadamente sua função frente a uma orquestra.

Infelizmente, ainda há quem acredite que reger é apenas movimentar os braços diante dos músicos, o que revela uma compreensão superficial e equivocada sobre a profissão. Um maestro não é apenas alguém que conduz musicalmente uma orquestra: ele é também um líder cultural da cidade, do estado e do país que representa. É alguém que exerce influência na formação intelectual e cultural da comunidade, educa públicos e abre possibilidades de crescimento pessoal e coletivo.

Ser um grande regente significa ter muitas expertises, diversas formações e uma cultura abrangente, justamente para alcançar o respeito e a legitimidade que essa profissão exige e merece.

E. L., A. O.: Inicialmente, pensamos que sua formação em Engenharia de Produção tivesse acontecido após os estudos em Regência, mas percebemos que foi justamente o contrário. Você acredita que utiliza, em seus ensaios ou mesmo na concepção geral do seu trabalho como regente, mecanismos ou métodos que aprendeu na Engenharia? De que forma isso ocorre?

L. A.: Certamente utilizo muitos aprendizados da engenharia na minha prática como regente, pois somos a soma de todos os conhecimentos que adquirimos ao longo da vida —desde coisas simples, como andar de bicicleta, até habilidades mais complexas, como aprender outros idiomas. Inclusive, vale destacar que um regente precisa dominar vários idiomas, cantar e ter experiência em regência coral. Considero a regência coral uma das escolas musicais mais importantes para um maestro.

A engenharia deixou marcas profundas na minha forma de trabalhar, agregando competências que talvez um músico, cuja vivência seja exclusivamente musical, não consiga desenvolver facilmente. Um exemplo é aprender a lidar com longas jornadas de trabalho sem dormir. Adquiri esse hábito ainda durante o curso de Engenharia de Produção na Escola Politécnica. Naquela época, pelo menos três vezes por semana, passávamos as noites estudando para conseguir aprovação nas disciplinas. Até recentemente, eu ainda tinha noites sem dormir para estudar partituras. Hoje, devido a questões de saúde, evito essa prática, mas ficou o aprendizado.

Cursei Engenharia de Produção, que é uma vertente da Engenharia Mecânica. Na época, estudávamos dois ou três anos de Engenharia Mecânica e, posteriormente, mais dois anos de especialização em Produção. A Engenharia de Produção é voltada ao ambiente industrial, ao estudo de tempos e métodos, organização e otimização dos sistemas produtivos das grandes fábricas. Percebo claramente que um ensaio é, também, um exercício constante de tempos e métodos. É preciso utilizar o tempo da maneira mais produtiva possível, considerando sempre que nossos recursos, tanto de tempo quanto humanos, são limitados.

Em um ensaio, temos a missão de fazer cada músico render o seu melhor dentro das condições oferecidas. Devemos também adaptar nossa performance à acústica disponível, sabendo que geralmente temos poucos dias para alcançar o resultado desejado. Tudo isso é um exercício prático de tempos e métodos. Recordo-me, inclusive, de uma experiência marcante nesse sentido, quando ganhei o Concurso Internacional de Jovens Regentes no Chile. Na

prova final, o desafio era ensaiar uma música contemporânea inédita e, após o tempo definido, tocá-la integralmente. Ensaiei, controlei o tempo com precisão e, ao olhar para o relógio, anunciei o *Da Capo*, tocando a obra até o fim exatamente dentro do tempo permitido. Posteriormente, um dos jurados comentou comigo: “Realmente nota-se que você é engenheira”.

Outro aspecto em que a engenharia me ajudou bastante diz respeito à minha capacidade de adaptação. A Escola Politécnica era considerada uma das mais exigentes do país, especialmente naquela época. Além disso, nossa turma era formada por 80 homens e apenas duas mulheres. Por isso, para mim, sempre foi natural estar em um ambiente predominantemente masculino. Quando passei a reger orquestras, mesmo com uma presença muito maior de músicos homens, isso não representou nenhum obstáculo ou desconforto. Nunca me intimidei por essa situação, pois já havia passado por algo semelhante durante minha formação em engenharia.

Por fim, a exigência intelectual do curso de engenharia foi outro grande benefício que trouxe para a minha trajetória musical. Ao ingressar no curso de regência, eu já tinha 22 anos e me sentia velha em relação aos meus colegas de 18. Portanto, não podia perder tempo. A experiência com engenharia me ensinou a enfrentar e superar qualquer disciplina com determinação, estudar com seriedade e buscar o máximo aproveitamento das aulas e oportunidades que surgiam. Costumo dizer que aprendi na engenharia a enfrentar qualquer desafio, por mais difícil que ele pudesse parecer.

E. L., A. O.: Que conselhos você daria para as jovens musicistas que aspiram a liderar como regentes?

L. A.: Não sou uma pessoa muito romântica para falar sobre isso, mas acredito profundamente na importância da humildade, do estudo sério, da dedicação e do amor ao que fazemos.

Acredito firmemente que quanto mais conhecimento uma pessoa tem, mais humilde ela se torna. O verdadeiro conhecimento nos ensina que aquilo que sabemos é pouco diante do tanto que

existe para aprender. Por isso, não vejo sentido na postura de alguns profissionais que demonstram pompa ou arrogância, como se isso refletisse conhecimento ou competência. Na realidade, a verdadeira sabedoria vem acompanhada da consciência das nossas limitações.

Minha visão sobre a formação e o exercício profissional passa por esses pilares fundamentais: estudo profundo e constante, seriedade, respeito à música e amor genuíno pela profissão. Não há espaço para superficialidades ou atitudes de vaidade. O essencial é cultivar o respeito pelo aprendizado constante, a humildade no trato com os colegas e a paixão verdadeira pelo que realizamos.

Referências

AMADIO, Ligia. **Biografia**. Disponível em: <https://www.ligiaamadio.com/biography>. Acesso em: 27 maio 2025.

FARBERMAN, Harold. **The art of conducting technique**: a new perspective. Florida: Warner Bros, 1997.

LIMA, Erickinson Bezerra de; OLIVEIRA, André Luiz Muniz; SOUZA, David; ALMEIDA, Victor. Estado da Arte: a produção científica brasileira nos primeiros 20 anos do séc. XXI no campo da regência. **Orfeu**, Florianópolis, v. 8, n. 2, e0208, 2023. DOI: 10.5965/2525530408022023e0208. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/23204>. Acesso em: 27 maio 2025.

RUDOLF, Max. **The grammar of conducting**: a comprehensive guide to baton technique and interpretation. California: Schirmer, Thomson Learning, 1994.

SCHERCHEN, Hermann. **Handbook of conducting**. New York: Oxford University Press, 1989.

Financiamento

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Estímulo ao Emprego Científico Individual(2022.02280.CEECIND/CP1720/CT0038) e da Unidade de I&D CIDTFF (projetos UIDB/00194/2020 e UIDP/00194/2020).

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Escola de Música e Artes Cênicas. Programa de Pós-graduação em Música. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.